

# “*La terra nuova*”: fatores climáticos e os imigrantes italianos e seus descendentes no Vale do Taquari/Rio Grande do Sul, Brasil<sup>1</sup>

“*La terra nuova*”: climate factors and Italian immigrants and their descendants in the Taquari Valley/Rio Grande do Sul, Brazil

Janaine Trombini<sup>2</sup>

janainet@universo.univates.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6871-5278>

Luís Fernando da Silva Laroque<sup>3</sup>

lflaroque@univates.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1861-4679>

---

**Resumo:** Os imigrantes italianos chegaram ao Brasil no final do século XIX. Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, foram destinados à porção territorial situada na Encosta Superior do Planalto, entre os vales do rio Caí e do rio das Antas e, posteriormente, a territórios atualmente denominados de Vale do Taquari. O estudo tem como objetivo apresentar fatores climáticos e os imigrantes italianos e seus descendentes na “*terra nuova*”, territórios do rio Taquari. O método caracteriza-se por uma abordagem qualitativa com análise de conteúdo no que se refere a dados coletados na revisão bibliográfica, pesquisa oral e pesquisa documental. A terra nova vivenciada pelos imigrantes italianos e seus descendentes em territórios do rio Taquari apresenta clima semelhante ao local de proveniência, caracterizado por baixas temperaturas, e os principais cultivos manejados foram o milho e a uva.

**Palavras-chave:** ocupação, frio, descendentes de italianos Vale do Taquari.

**Abstract:** Italian immigrants arrived in Brazil at the end of the 19th century. In the Province of São Pedro do Rio Grande do Sul, they were destined to the area located in the Encosta Superior do Planalto, between the valleys of the Caí and das Antas rivers and, later, in territories currently called Taquari Valley. The study aims to present climatic factors and Italian immigrants and their descendants in the “*terra nuova*”, territories of the Taquari River. The method is characterized by a qualitative approach with content analysis regarding data collected in the literature review, oral research and documentary research. The new land experienced by Italian immigrants and their descendants in the territories of the Taquari Valley has a climate similar to their place of origin, characterized by low temperatures, and the main crops managed were corn and grapes.

**Keywords:** occupation, cold, descendants of Italians, Taquari Valley.

---

<sup>1</sup> O estudo insere-se nas investigações dos Projetos de Pesquisas “Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas” e “Identidades étnicas e desdobramentos socioambientais e espaços de bacias hidrográficas” do PPG em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari – Univates. Contou com financiamento do CNPq, Fapergs, PRO-SUC/CAPEs e Univates.

<sup>2</sup> Universidade do Vale do Taquari – Univates, vinculação ao Grupo de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento. Professora da rede municipal de Educação de Encantado/RS.

Rua M, 560, Bairro Conventos. 95.906-786, Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade do Vale do Taquari – Univates, Curso de História e Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento. Rua Avelino Tallini, 171, bairro Universitário, 95.914-014, Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil.

## Introdução

As percepções iniciais dos imigrantes italianos e seus descendentes desde a chegada à América e posteriormente à região do Vale do Taquari estão relacionadas às primeiras impressões e vivências no ambiente. O presente estudo tem como objetivo apresentar fatores climáticos e os imigrantes italianos e seus descendentes na “*terra nova*”, territórios do rio Taquari. A investigação tem como delimitação espacial as colônias de Conventos, Encantado e Guaporé, localizadas ao norte do rio Taquari, sendo que os territórios das duas primeiras atualmente estão em jurisdição do Vale do Taquari<sup>4</sup>, Rio Grande do Sul, Brasil.

O recorte temporal delimitado para a pesquisa compreende o período entre o final do século XIX (década de 1870) até praticamente meados do século XX (década de 1940), observando o contexto histórico e cultural, e tendo como perspectiva de análise a História Ambiental. Este estudo se caracteriza por uma abordagem interdisciplinar, considerando as historicidades dos sistemas naturais, particularmente os fatores climáticos que fizeram parte do contexto (i) migratório.

Nesse sentido, as informações foram analisadas com base em teóricos da História Ambiental. Do ponto de vista metodológico, foram selecionadas famílias de italianos e de seus descendentes; a pesquisa de campo gerou diários de campo (D) e narrativas colhidas nas entrevistas (E), sendo os interlocutores identificados por códigos. Os entrevistados que participaram desta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foram informados dos objetivos do estudo; sua participação voluntária não trará qualquer apoio financeiro ou constrangimento.

A maioria dos imigrantes italianos que chegaram ao Brasil no final do século XIX eram provenientes do norte da Itália, região mais atingida pela crise econômica no momento da Unificação Italiana. Dentre os fatores que estimularam a migração italiana aponta-se o difícil acesso à terra no país natal, conflitos internos como a depressão econômica, desdobramentos da Revolução Industrial, processo de unificação do Estado Nacional Italiano e os altos impostos cobrados aos camponeses (Giron; Herédia, 2007).

A propaganda feita no Estado Nacional Italiano a respeito do Brasil foi também um fator decisivo na motivação de milhares de pessoas para cruzar o oceano em direção à América, sendo um dos destinos o Brasil. Prometia-se aos colonos italianos uma terra de sonhos, riquezas e fartura,

onde em pouco tempo eles enriqueceriam (Gomes; Laroque, 2010). A colonização italiana foi um projeto do governo imperial brasileiro em um período conturbado do ponto de vista político e socioeconômico, marcado principalmente pela crise do escravismo e pelas leis abolicionistas.

Os italianos migrados estabeleceram-se e fundaram núcleos populacionais pelas Províncias de São Paulo, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e São Pedro do Rio Grande do Sul (Bertonha, 2005). O processo migratório para o Brasil tinha duas interfaces: uma oficial, a *colonização*, que visava ocupar e povoar zonas propagandeadas como “desocupadas”, e a outra, chamada de *imigração*, a qual era estimulada pelo governo para a obtenção de braço livre e interesses para a grande lavoura, como uma mão de obra barata (Barros; Lando, 1996). No sul do Brasil, este processo de deslocamento (i) migratório pode ser considerado como colonizatório, pois, aliado à política de ocupação territorial e lucros econômicos, visava povoar terras que nos discursos oficiais eram consideradas “desabitadas” (na realidade se tratava de tradicionais territórios Kaingang, de caboclos e de trabalhadores nacionais). Tendo em vista os historiadores da Escola dos Annales como Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel, que já se mostravam atentos às relações entre sociedades, ambiente e paisagem<sup>5</sup>, pode-se afirmar que este ambiente foi transformado pelo surgimento de novas paisagens, onde animais e plantas tiveram habitat e ecossistema impactados (Trombini, 2016).

Conforme Giralda Seyferth (1986), a colonização italiana em terras brasileiras almejava a constituição de colônias homogêneas, compostas de lotes de terras de 20 a 50 hectares, a fim de serem cultivados num regime de policultura e trabalho familiar. Esses colonos imigrantes designados como “estrangeiros” estavam subordinados às autoridades da colônia. A opção governamental pela colonização com os europeus insere-se nas preocupações brasileiras com a composição de uma população branca para garantir o desenvolvimento da nação.

O que o governo brasileiro priorizava era o povoamento e estabelecimento de pequenos agricultores para o trabalho e produção de alimentos básicos. A (i) migração, tanto para o aproveitamento do espaço como para o assujeitamento econômico, representava um acréscimo econômico ao Império Brasileiro (Beneduzi; Vecchi, 2010). Além do mais, o interesse pela imigração italiana cresceu com a abolição da escravidão negra e a mudança do regime político, que privilegiava a imigração europeia – branca, para o “futuro” do Brasil como nação ocidental. O fluxo migratório até meados da década de

<sup>4</sup> O Vale do Taquari atualmente é composto por 36 municípios, divididos em microrregiões, e situa-se na porção centro-leste do Rio Grande do Sul.

<sup>5</sup> No presente estudo, o conceito de paisagem é compreendido a partir do enfoque cultural da percepção do ambiente atuando como “a mediação entre o mundo das coisas e aquele da subjetividade humana” (Cabral, 2007, p. 150); portanto, é percebida, significada e construída como uma espécie de documento histórico para a História Ambiental.

1920 proporcionou manifestações de identidades a partir dos contatos interétnicos e uma reafirmação e ligação dos valores italianos considerando a pátria de origem.

Mesmo com a abertura de novos cultivos em terras na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, ao imigrante apresentava-se a possibilidade de tornar-se em poucos anos dono de uma área de terra. As notícias do clima temperado e frio da região sul do Brasil contribuíram para que os imigrantes italianos ocupassem os territórios, tendo em vista que regiões como o Vêneto (54% vênetos, 7% trentinos e 4,5% friulanos) e a Lombardia, onde cultivavam o milho, trigo e videiras, possuíam clima temperado e frio (Trento, 1988).

## A chegada dos italianos a territórios do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul

Os imigrantes italianos chegaram à província de São Pedro do Rio Grande do Sul, grosso modo, durante o período que se estende de meados da década de setenta do século XIX até meados da primeira década do século XX, e tinham a proposta de atuar na agricultura e a promessa de boas condições de trabalho para sobrevivência. Desde o começo do processo emigratório, os italianos mantiveram seu contato com os elementos naturais do trópico e, conseqüentemente, realizaram atividades agropecuárias, caracterizadas pelo regime de trabalho familiar e livre, pela policultura e pela pequena propriedade.

No tocante à delimitação espacial deste estudo, territórios próximos ao principal rio, o Taquari, os imigrantes italianos e descendentes se estabeleceram na porção norte do Vale do Taquari. No ano de 1882, segundo Ferri (1975), por meio de migrações internas, chegaram à colônia Encantado, assim como a territórios da colônia Conventos e da colônia Guaporé. O estabelecimento nestes locais deu-se pela aquisição de terras por meio da compra intermediada pelas companhias colonizadoras (Trombini *et al.*, 2017). Do ponto de vista geográfico, conforme Rambo (1994), o território em questão caracterizava-se pela presença de vales e de montanhas com floresta *Ombrófila Mista* e uma rica biodiversidade, que aparece na literatura regionalista da época como “floresta virgem”.

Vale salientar que o imigrante italiano que chegou ao Rio Grande do Sul e ao norte do rio Taquari encontrou um ambiente de florestas densas e abundante em fauna e flora, mas diferente do que muitas vezes apareceu na historiografia regional; nunca se tratou de uma “floresta

virgem” ou “mato intocado”. Ou seja, trata-se de terminologias etnocêntricas, pois, conforme as investigações da História Ambiental, a formação da natureza não estivera isenta da ação humana (Pádua, 2010; Cabral; 2014).

A própria designação de mundo natural e da natureza são construções e reconstruções. Portanto, a incorporação de fatores biofísicos proposta por Crosby (2011) amplia a análise histórica e a compreensão da História Ambiental dos imigrantes italianos entre um ambiente muitas vezes “diverso” e próximo do “encontrado” que também sofreu ações “neoeuropeias”.

A história ambiental dos imigrantes italianos no sul do Brasil impactados pela biodiversidade da mata é analisada por Bublitz (2010) em sua pesquisa de doutorado. A procura pela terra e o contato inicial com o mato ainda “intocado” ocasionaram os primeiros impactos e também o plantio de produtos, tais como o milho, o trigo e as videiras. Sendo assim, a discussão sobre terminologias como “mato intocado” e “mata virgem” vem sendo desconstruída por autores a exemplo de Schama (1996), Diegues (2000), Pádua (2010), Bublitz (2010) e Cabral (2014). Mesmo havendo dificuldade de ocupação pelos imigrantes italianos, é consenso na literatura ambiental que estes locais foram resultados de modificações geológicas por ação da própria natureza e da presença humana composta pelas populações indígenas, principalmente Guarani e Jê Meridionais, desde o período anterior ao contato com os europeus; portanto, estão longe de serem matos “intocados” ou “virgens”. São territórios que muitos povos tradicionais ameríndios ocuparam, onde viveram e que utilizaram para obtenção de sua sustentabilidade e práticas culturais envolvendo a natureza.

As terras destinadas à colonização no Rio Grande do Sul possuíam características de clima, flora, fauna e solo similares às regiões de onde vinham os imigrantes italianos, principalmente da Lombardia, Trentino Alto-Ádige e Vêneto. Nas regiões coloniais da encosta da serra, predominavam as terras cinzentas, mediantemente férteis, que, relacionadas ao clima quase temperado, eram muito boas para o cultivo da videira, do trigo, dos pinheiros e árvores frutíferas (Gomes, 2008).

Muito embora a colônia Encantado tenha sido fundada em 1878, as primeiras famílias de (i)migrantes italianos começaram a chegar somente a partir de 1882. A Colônia Encantado foi erguida na margem direita do rio Taquari, próxima à localidade de Muçum; os lotes compunham-se de terras férteis, e o clima apresentava temperatura mais quente do que nas antigas colônias.

Entre as primeiras famílias que ocuparam a colônia de Encantado<sup>6</sup> estão os Lucca, Bratti, Pretto, Fontana, Buffon,

<sup>6</sup> Frosi e Mioranza (1975, p. 48) destacam que os italianos e descendentes estabelecidos em Encantado avançaram no sentido norte e formaram núcleos importantes como Nova Brésia, Putinga, Relvado, Anta Gorda, Itapuca, Ilópolis e Arvorezinha.

Bertozzi, Rossetto, Echer, Radaelli, Castoldi, Pedrotti, entre outras. Trata-se de (i)migrantes de origem étnica vêneta e, por meio de migrações internas no Rio Grande do Sul, estabeleceram-se nas colônias de Conde d'Eu (atual Garibaldi), Dona Isabel (atual Bento Gonçalves) e Caxias (Frosi; Mioranza, 1975; Giron; Herédia, 2007).

O território era composto de terrenos acidentados e uma vasta cadeia montanhosa que se estende ao sul com os dois principais rios que banham os vales, Guaporé e Forqueta (Costa *et al.*, 1976). Thomé (1967), destaca que grande parte do território de Encantado pertence ao planalto brasileiro, com variação de altitudes de 200 a 800 m e estreita faixa de terrenos planos ao longo do rio Taquari.

A (i)migração visava ao povoamento e estabelecimento de pequenos agricultores para se voltarem à produção de alimentos básicos por meio de atividades agropecuárias. Essas atividades produtivas manuseiam elementos naturais como o solo, água, fauna, flora e clima e ainda fatores negativos, tais como as pragas. As especificidades ambientais em ambos os territórios exigiram uma negociação com a natureza para sobrevivência humana, com vista à (re)produção das atividades econômicas, muitas vezes se utilizando de práticas destrutivas dos ecossistemas como, por exemplo, o desmatamento e a extinção de espécies.

Na análise ambiental de Crosby (2011), o ambiente colonial foi europeizado, ou seja, ocupado e explorado pelos imigrantes europeus. As (i)migrações italianas para as terras além-mar deram-se basicamente devido a três fatores: as terras no Brasil apresentavam clima temperado, o Brasil precisava demonstrar potencial de produção, e migrar era uma questão vital pela falta de comida.

## A fisionomia ambiental climática do Vale do Taquari pela ótica da História Ambiental

A História Ambiental é um campo do conhecimento que vem sendo construído há cerca de 50 anos, ligando a história natural à história social. A proposta básica dos criadores da História Ambiental é tornar possível a construção de uma história interessada em tratar do papel e do lugar da natureza na vida humana (Worster, 1991), ou ainda, uma investigação aberta e não reducionista das interações entre sistemas sociais e naturais ao longo do tempo. O ambiente e os elementos naturais que o compõem não são estáticos; estão sempre em construção e reconstrução (Pádua, 2010; Cabral, 2012). Vale ainda salientar a perspectiva interdisciplinar da História Ambiental e sua abertura para dialogar com outras áreas, como a geografia, a história, a biologia, a botânica, entre outras, em relação aos campos de sua atuação (Duarte, 2005).

Com a abordagem da História Ambiental é possível analisar e ampliar estudos históricos em relação aos elementos naturais e humanos. Por isso, o historiador ambiental contribui na investigação crítica e construtiva dessas inter-relações, pois, como afirma Cabral (2012, p. 148), “[...] um ambiente de um organismo inclui outros organismos”. Na amplitude de temáticas da História Ambiental, o historiador ambiental, com base em suas pesquisas e reflexões, contribui na ampliação da área das Ciências Humanas e Sociais, discutindo criticamente e de forma autorreflexiva as questões ambientais (Martinez, 2006).

O historiador americano Donald Worster (1991) designa como o primeiro nível da História Ambiental o entendimento da natureza propriamente dita, tal como se organizou e funcionou no passado, tanto os aspectos orgânicos quanto inorgânicos do espaço ambiental, inclusive o organismo humano, que tem sido um elo nas cadeias alimentares da natureza. O historiador Martinez (2011), por sua vez, enfatiza que estudar os ecossistemas e biomas brasileiros possibilita aproximações com o meio ambiente e o diálogo com outras disciplinas como a biologia e a geografia, por exemplo. Os estudos sobre clima, segundo Melo (2011), analisados a partir de uma perspectiva histórica interdisciplinar, tornam-se relevantes para a compreensão mais abrangente das questões ambientais. Neste sentido apontam-se trabalhos como de Kandel (1995), Flannery (2007), Dufek (2008), Miraglia (2010) e Calacios (2010). Assim, é possível perceber como o clima constitui uma construção cultural que influenciou a história ambiental vivenciada pelos italianos e seus descendentes em territórios do Vale do Taquari.

O norte da Itália, território da proveniência dos imigrantes italianos que se estabeleceram no vale em estudo, compreende as regiões da Lombardia, Trentino Alto-Ádige e Vêneto. As características geográficas apresentam altitudes que variam de 300 a 4.000 metros, e o clima é mediterrâneo, com invernos rigorosos de dezembro a fevereiro e verões quentes de julho a agosto. Assim, a altitude influencia fortemente o clima e as temperaturas médias. As principais épocas de chuva são a primavera, entre os meses de maio e junho, e o outono, de outubro a novembro (Marmocchi, 1846; Bertonha, 2005).

O inverno rigoroso atingia diretamente a vida do campo, período em que o camponês era forçado a repousar e, na maioria das vezes, migrava para outros territórios. As baixas temperaturas, a neve e as chuvas dificultavam as atividades; os rebanhos de ovelhas eram encaminhados para a montanha e lá deixados; nas terras baixas havia inundações, onde os camponeses ficavam receosos com as navegações que se minimizavam. Informações na obra de Braudel (2016) possibilitam reflexões da História Ambiental para a região do Mar Mediterrâneo, como é

o caso da Península Itálica, uma vez que, passado o clima frio do inverno, a vida fica agitada: as árvores florescem rápido, são concluídos trabalhos de preparação no campo, os celeiros e armazéns são abastecidos, e os mercados de trocas, intensificados.

Na região ao norte do rio do Taquari, o clima pode ser considerado subtropical úmido; os verões são quentes e há ocorrência de chuvas durante todo o ano. Nos meses de inverno, que se estendem de junho a setembro, a temperatura é relativamente baixa, aproximando-se do 0º grau, e o verão, nos meses de dezembro a março, apresenta grande amplitude térmica, passando os 40º graus (Ferri; Togni, 2012). Importa ressaltar que dois fatores geológicos exercem funções modificadoras: a temperatura, que na Depressão Central oscila em torno de 20 graus; outro são os acidentes do relevo em que os terrenos mais abertos são acometidos por ventos fortes (Rambo, 1994).

Schneider (2019) destaca que, durante o inverno, as temperaturas se mantêm baixas pelo efeito de frentes polares que trazem chuvas e acarretam o declínio da temperatura a 0ºC. As geadas severas duram em torno de 10 a 25 dias. Nas zonas baixas próximas aos rios Guaporé e Taquari, o inverno é brando, e o verão, quente. Nas zonas altas, o inverno é rigoroso, e o verão, ameno (Giron; Herédia, 2007).

No Boletim do Ministério de Relações Exteriores, o conde Pietro Antonelli destacava que o clima no alto da serra das antigas colônias, como é o caso de Caxias, Dona Isabel e Conde d’Eu, era menos elevado, mas muito mais baixo nas terras situadas sobre os montes (Boletim do Ministério de Relações Exteriores, 1899, p. 226). Os territórios ocupados pelos imigrantes italianos entre as zonas altas e dos vales possuem diferença de clima e de produção econômica. Nas regiões mais altas, o inverno é rigoroso, e o verão, ameno com a produção de uvas, milho e trigo. Tratando-se das zonas baixas como os vales dos rios Guaporé e Taquari, o inverno pode ser considerado ameno e o verão, quente, com plantações de banana, cana-de-açúcar e plantas tropicais (Bergamaschi; Giron, 2004).

Tanto na zona de vale como na de encosta, os colonos tiveram que abrir clareiras na mata para construir suas casas e instalar áreas de plantação. A produção inicialmente era para o autoconsumo, e as propriedades variavam de 25 a 10 hectares, sendo que, nas práticas agrícolas, os imigrantes italianos e seus descendentes recorriam a um sistema de rotação para a plantação, principalmente do milho, do feijão e do trigo. Antes das chuvas de inverno, o manejo para agricultura consistia na derrubada da floresta

por meio de ferramentas como o machado e a serra, sendo os resíduos vegetais queimados. Apenas eram preservadas algumas árvores de maior porte (Beroldt *et al.*, 2007).

Uma característica adversa é a disparidade das estações do ano: quando, por exemplo, na Itália é inverno, no Brasil é verão. Quase sempre as pessoas (i)migravam do frio dos Alpes italianos e chegavam ao Brasil com o calor em pleno verão. Sobre isto, Grosselli (2005) destaca:

*E quase sempre era o de pessoas que saíam dos Alpes com a altura do frio, em pleno inverno, e chegavam ao Brasil no auge do calor, em pleno verão. O clima inadequado e os hábitos de higiene iniciaram entre essas pessoas algumas epidemias com o aquecimento quando faziam a filagem: havia dezenas, centenas de mortes por febre amarela, disenteria tropical. Depois doenças de pele, olhos, malária (tradução nossa, Grosselli, 2005, p. 43).<sup>7</sup>*

No comparativo dos territórios ítalo-brasileiros, vale salientar que, ao norte da Itália, tem-se o clima mediterrâneo, e ao norte do rio Taquari, o clima é subtropical úmido. Mesmo assim, o clima subtropical úmido lembra alguns aspectos do clima mediterrâneo principalmente por ter frios severos e verões quentes. Acredita-se que a adaptação dos italianos e seus descendentes ao norte do rio Taquari não foi difícil; no entanto, o inverno era menos frio, e os verões, quentes (Giron; Herédia, 2007).

Outra questão interessante é a presença da neve durante o inverno no norte da Itália. Pelo fato de apresentar um território montanhoso, os Alpes são considerados os mais altos da Europa e ficam cobertos de neve praticamente cinco meses do ano (Marmocchi, 1846). Já nos territórios ao norte do rio Taquari não é comum a presença da neve durante o inverno, mas da geada durante os meses de julho, agosto e setembro, quando as temperaturas baixas são frequentes. O único registro de neve nesta parte do território remete à década de 1960, conforme imagem (Figura 1):

Entrevistados, descendentes de italianos relataram o evento de neve como algo surpreendente e nunca visto nos territórios ao norte do rio Taquari, principalmente na colônia Encantado. A neve durou uma semana e quebrava árvores, casas e telhados (D8, 01/09/17). Neste sentido o interlocutor, entrevistado E1, destaca:

*J – Esse ano em 1965 o senhor disse que caiu uma neve grande?*

<sup>7</sup> *E si trattava quasi sempre di gente partita dalle Alpi con il massimo del freddo, in pieno inverno, e giunta in Brasile al culmine del caldo, in piena state. Il clima e le abitudini igieniche non adatte partarono tra quelle gente qualche epidemia che l'ammassamento in baracconi apargagliò tra le loro fila: si ebbero decine, centinaia di morti per febre gialla, dissenterie tropicali. Poi malattie dela pelle, agli occhi, malaria.*



Figura 1 – Neve ao norte do rio Taquari na década de 1960  
 Fonte: Acervo Museu Memórias Ilópolisenses - Ilópolis/RS.

*A – É, 1965.*

*J – O meu vô ele morava, não sei se o senhor conhece ali, Barra do Coqueiro em Relvado? Ele se lembra também. Ele me falava que nesse ano tinha nevado lá também.*

*A – É, foi em agosto de 1965. Foi uma surpresa, até porque a gente... amanheceu, né? Amanheceu nevando e logo a temperatura aumentou um pouquinho, aí começou a chover torrencial, mas foi uma surpresa porque abrimos a janela tudo branco (E1, 20/01/14, p. 23-24).*

As informações registradas no diário de campo e na entrevista com o descendente de imigrante italiano sobre a queda da neve na década de 1960, possibilita identificar semelhanças climática do norte do rio Taquari com o norte italiano. É importante observar que relações com o clima envolvendo a neve, geada ou altas temperaturas em territórios ao norte italiano e ao norte do rio Taquari são influenciados pela altitude. Correlacionando com o estudo de Worster (1991) e Pádua (2010), é possível dizer que a vida humana não ocorre sem a presença de eventos ambientais.

Segundo Melo (2011), o clima é um coadjuvante significativo do processo histórico e, em alguns casos, está presente na memória e nas percepções sobre invernos rigorosos e verões quentes, situação evidenciada nos interlocutores pesquisados. São fatos recorrentes e vivenciados pelos italianos e descendentes com um clima subtropical úmido, que despertará as principais diferenças e, conseqüentemente, adaptações ao meio em que viveram. Franzina (2006) informa que as zonas de proveniência dos emigrantes são marcadas por características geográficas distintas, como a localização, o clima e o acesso à água.

É o caso dos que partiram de Vicenza, Treviso, Belluno e Udine, cujas terras se localizam em “planície não irrigada, de colina, de alta colina e de montanha”, enquanto as de “Verona, Rovigo, Pádua e Veneza são de planície do Rio Pó, áreas onde já havia obras de drenagem e de modernização hidráulica” (Franzina, 2006, p. 113). São territórios com características geograficamente distintas, mas que podem apresentar algumas semelhanças e influenciaram a vida dos italianos e seus descendentes.

O clima e o ciclo das estações influenciaram na sustentabilidade econômica, pois, estando em territórios de hemisférios norte e sul, têm-se estações do ano e condições climáticas em geral diversas. Além disso, no sul do Brasil os imigrantes italianos e seus descendentes poderiam trabalhar mais tempo no campo, em oposição ao que acontecia, por exemplo, nas regiões ao norte da Península Itálica, onde as condições climáticas dos meses de inverno fazem com que os territórios fiquem cobertos de neve.

No período da chegada dos imigrantes italianos à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e às terras ao norte do rio Taquari, as regiões coloniais das encostas da serra caracterizavam-se por terras cinzentas férteis, e isso, somado ao clima quase temperado, favorecia o cultivo da videira, do trigo e de árvores frutíferas (Gomes, 2008). O encontro da terra “boa” proporcionou aos italianos e descendentes o desenvolvimento das práticas dos cultivos em questão.

Há também informações sobre a produção de vitivinicultura. O agente diplomático e consular Francesco de Veluttis reforçava que a produção de uva teve um bom crescimento nas antigas colônias na transição do século XIX para o XX, mas eram necessários investimentos e cuidados. Como dificuldades para o cultivo da uva elenca: a qualidade dos terrenos, o clima, espécie de uva Isabela e os insetos que atacavam e prejudicavam a produção. Entretanto, mesmo com estas dificuldades, o vinho continuou a ser produzido e sua exportação aumentou (Veluttis, 1908, Volume III, Parte I, p. 334-335).

Os representantes consulares também pontuaram nos boletins da imigração algumas dificuldades de adaptação ambiental: durante a primavera e verão, os agricultores colocavam água quente nas formigas que comiam os parreirais. No início da imigração não conheciam as máquinas para passar inseticidas e utilizavam alguns tratamentos naturais como a sulfatura com cinzas para impedir a radiação noturna. Outras “pragas” apareceram: a peronospora, que combatiam com irradiação de sulfato de cobre, distribuído sem regras, e também a antracnose e filoxera. Entre os insetos, um antropoide que permanecia na raiz e matava os pés de uvas, como as larvas (*Diloboderus*) e besouros (*Coleoptero*). Entre os animais que acometeram os parreirais apontam-se o sabiá (*Turdus*), o lagarto (*Tupinambis tegurius*) e o gambá (*Dydelphys*).

As informações relacionadas a “pragas”, que na perspectiva da História Ambiental nada mais são do que outras espécies que também integram o ambiente, demonstram que o homem é apenas mais um ser vivo que ocupa a biosfera. Worster (2003) e Cabral (2014) problematizam que os estudos ambientais possibilitam um repensar da história do homem a partir de outras perspectivas, de modo que as ações antropocêntricas geram efeitos, mas o contrário também acontece, isto é, a ação dos animais, forças geológicas, hidrológicas, climáticas e bacteriológica causa efeitos na história humana.

Os descendentes de italianos, por um lado, obtiveram sucesso no processo colonizador, mas, por outro, precisaram lidar com a perda das lavouras por efeitos climáticos e investidas de espécies de animais. Sendo assim, conforme Cabral (2014), os estudos ambientais precisam levar em consideração que a presença de determinadas espécies no ecossistema faz parte do ciclo natural e as ações humanas contribuem no impacto deste processo, a exemplo do que ocorreu com os (i)migrantes italianos e seus descendentes.

No relatório para o Governo Borges de Medeiros, lemos que, no início do século XX, a viticultura havia melhorado devido aos investimentos e à Estação Agronômica. Consta também a informação sobre a distribuição de castas de videiras cujo interesse visava substituir a espécie Isabela visando melhorar a qualidade do vinho (Medeiros, Mensagem, 20/09/1902, p. 19-20). Em outro relatório, cinco anos depois, consta que a vinicultura havia crescido, principalmente onde o frio era intenso, como a colônia de Caxias: “A *vitis vinifera* rio-grandense compõe-se de castas americanas e européas, sendo, porém, a parreira Izabella a *communis*” (Medeiros, Mensagem, 20/09/1907, p. 26).

Nos territórios ao norte do rio Taquari não existiram grandes parreirais; somente na década de 1910 e 1920 é que houve uma alta no crescimento econômico deste produto, algo em torno de 3%. Essa situação também se relaciona ao clima, como evidenciam relatos de descendentes de italianos relativos à produção da uva da região do Vale do Taquari. Sobre isto tem-se o seguinte relato:

*E1: é o contrário pouco calor e aqui faz pouco frio.*

*E5: e o certo da uva é dormir 180 dias.*

*J: no frio?*

*E5: parada, sem brotar. Só que nos aqui o clima não ajuda, é alto e baixo (E3, 14.09.18, p. 17).*

Também devido a ações e temperaturas do clima,

como o calor, frio, chuva e sol, pode haver interferências na produção da uva e nas folhas dos parreirais. O entrevistado E2 relata sobre a possibilidade da ferrugem:

*JB – Porque do que que vem a ferrugem na árvore? Vocês não teria uma ideia porque que ela vem? A ferruja em qualquer árvore e qualquer fruta ela vem por causa de um contra tempo. Vocês sabem o que é contra tempo? Hoje é calor, amanhã chove, vem vento frio... isso é contra tempo.*

*C – a planta adoce?*

*JB – aí ela adoce justamente. Vamos supor novembro e dezembro né são dois meses de calor né as parreira tão bem brotada, tão tudo verde né? E ela tá carregada de uva né, daí o sol que é fogo né, e levanta uma nuvem ali e dentro de uma hora tá deu uma pancada de chuva né, a água é sempre fria, caiu essa água em cima da folha da parreira quente a ferruja começa (E2, 08.08.17, p. 19).*

A partir destes relatos, percebe-se que a vitivinicultura não teve muito sucesso devido a condições climáticas existentes em territórios do Vale do Taquari. Os interlocutores descendentes de italianos, cujos relatos foram registrados em diários de campo, relatam que produziam uva, com parreirais próximos de suas casas. As principais espécies eram a “Francesa” e a “Isabel brasileira”, sendo que esta última é americanizada. A uva francesa foi trazida da Itália com o “calvi”, que era a muda. A uva era produzida para fazer vinho e vinagre (D1, 28/06/17; D2, 20/07/17; D3, 01/09/17; D4 13/07/18).

Desta forma, encontram-se similaridades com os territórios do norte italiano de onde os imigrantes eram provenientes. A espécie de uva Isabela<sup>8</sup>, a partir do contato com os imigrantes alemães localizados no Caí, passou a ser utilizada para a produção de vinho e vinagre para consumo familiar. A produção do vinho iniciou-se com a indústria doméstica desenvolvida nas cantinas, onde o processo era feito manualmente, sendo a uva esmagada com os pés e armazenada em barris para fermentar. As plantações de uvas se adaptaram muito bem ao clima (principalmente as do tipo Isabela), gerando maiores excedentes na produção da região. Vale destacar que, na Itália, a tradição da vitivinicultura maneja uma diversidade de espécies e os territórios de produção eram semelhantes pela altitude de até 900 metros.

Outro produto referido pelo agente consular Petrocchi nos distritos da colônia de Bento Gonçalves foi a seda, conforme segue:

<sup>8</sup> A uva Isabel é uma das principais cultivares de *Vitis labrusca*, espécie originária do Sul dos Estados Unidos e de onde foi difundida para outras regiões. Na década de 1850 despertou interesse dos viticultores europeus, devido à resistência ao oídio, doença que naquela época causava enorme prejuízo à viticultura mundial. Foi introduzida no Rio Grande do Sul entre 1839 e 1842 e, após, cultivada pelos imigrantes italianos na Serra Gaúcha (Rizzon *et al.*, 2000).

*A criação do casulo, nesta colônia é mesmo ignorado. No entanto, como tinha outros momentos a informar hoje a indústria da seda seria, segundo a opinião dos mais, a única que poderia dar vida dessas populações, e proporcionar uma relativa riqueza a tantas pessoas que, abandonadas a si mesmas, e espalhada por terras distantes e degradadas da região do Rio das Antas, vive quase na miséria e na pobreza<sup>9</sup> (tradução nossa, Petrocchi, 1905, n. 8, p. 7).*

O Boletim da Emigração destaca ser o clima da região colonial italiana propício para criação do bicho-da-seda; a intenção era retirar da natureza uma boa quantidade de casulos para implantar as amoreiras (*Morus*). As amoreiras em questão pertenciam às espécies “selváticas, com folhas largas e cresciam bem em qualquer lugar” (tradução nossa, Boletim da Emigração, 1905, vol. 8, p. 8)<sup>10</sup>. Entretanto, no decorrer do documento, lamenta-se não haver reconhecimento no mercado do Rio Grande do Sul para este tipo de produção.

Durante as pesquisas em arquivos bem como as visitas às famílias de descendentes de italianos aos territórios no norte do rio Taquari, não se encontrou material ou relatos que constatassem a criação do bicho-da-seda. Mesmo assim, no início da colonização italiana houve tentativas deste tipo de produção nas antigas colônias.

## Conclusão

Assim, os italianos e seus descendentes nos territórios que viveram inicialmente nas colônias da província de São Pedro do Rio Grande do Sul e posteriormente ao norte do rio Taquari vivenciaram diversos aspectos climáticos semelhantes e diferentes da terra de origem. Na *terra nuova*, as principais características similares estão relacionadas à presença do frio durante o inverno, com baixas temperaturas e geada, e verões quentes. Já a principal diferença está associada à neve, que é verificada raramente no sul do Brasil bem como nos territórios ao norte do rio Taquari.

Além das informações geográficas, as semelhanças socioeconômicas vivenciadas pelos imigrantes italianos e descendentes residem no autoconsumo e venda da produção de milho e uva. A principal espécie de uva, a Isabela, era destinada ao consumo familiar do vinho e vinagre. As plantações de uvas se adaptaram muito bem ao clima (principalmente as do tipo Isabel) e a altitudes

de até 900 metros, gerando os maiores excedentes entre os produtos da região.

Na perspectiva da História Ambiental, a vida humana não ocorre sem a presença de fatos ambientais e fatores climáticos vão acontecer em diversas estações do ano. A abordagem ambiental tem contribuído para o debate ao demonstrar que o ser humano é parte dos ecossistemas assim como os demais seres vivos, construindo e transformando ambientes. Importa ressaltar que, além do clima, a altitude está presente em ambos os territórios pesquisados sobre a ocorrência de neve, geada ou altas temperaturas. Assim, relacionando o clima como parte da história ambiental, tem-se também a inclusão de questões mais amplas sobre o meio ambiente, já que os fatores climáticos incidem sobre aspectos bióticos e socioculturais.

Ao norte do rio Taquari, o clima subtropical úmido, com características predominantes de temperaturas baixas no inverno e verões quentes, despertou nos (i)migrantes italianos e seus descendentes necessidades de manejos e adaptações ao meio em que viveram. Ou seja, o ambiente climático sempre teve importância na vida dos italianos e seus descendentes.

## Referências

- BARROS, E. C.; LANDO, A. M. 1996. Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul. In: J. H. DACANAL; S. GONZAGA (org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre, Mercado Aberto, p. 9-33.
- BENEDUZI, L. F.; VECCHI, R. 2010. A exclusão não está longe daqui: a natureza como potencial operador biopolítico em algumas etapas da formação do Brasil. *Educação*, 33:35-45.
- BERGAMASCHI, H. E.; GIRON, L. S. 2004. *Terra e homens: colônias e colonos no Brasil*. Caxias do Sul, EDUCS, 270 p.
- BEROLDT, L. A.; GRISEL, P.; SCHMITZ, J. A. K. 2007. Evolução e diferenciação da agricultura no Vale do Taquari: um estudo comparado de dois sistemas agrários. In: R. MENASCHE (org.), *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*. Porto Alegre, Ed. UFRGS, p. 11-42.
- BERTONHA, J. F. 2005. *Os italianos*. 3ª ed. São Paulo, Contexto, 304 p.
- BRAUDEL, F. 2016. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*. Vol. 1. São Paulo, EDUSP, 1.644 p.
- BUBLITZ, J. 2010. *Forasteiros na floresta subtropical: uma história ambiental da colonização europeia no Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 203 p.
- CABRAL, D. C. 2012. *O 'bosque de madeiras' e outras histórias: a Mata Atlântica no Brasil Colonial (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de Doutorado em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 246 p.

<sup>9</sup> *L'allevamento del filugello, in queste colonie è addirittura trascurato. Eppure, come ebbi altre volte a riferire oggi l'industria della seta sarebbe, secondo l'opinione del più, l'unica che potrebbe dar vita a queste popolazione, e procurare una relativa agiatezza a tanta gente che, abbandonata a se stessa, e sparsa lungo e lontani e derupati terreni della regione del Rio das Antas, vive quase nella miseria e nello squallore.*

<sup>10</sup> *Il gelso di qui è selvatico; ha foglie larghe e cresce bene dovunque.*

- CABRAL, D. C. 2014. *Na presença da floresta: Mata Atlântica e História Colonial*. Rio de Janeiro, Garamond, 536 p.
- CABRAL, L. O. 2007. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, 41(1 e 2):141-155, abr./out.
- CALACIOS, R. D. 2010. As controvérsias climáticas sobre mudanças climáticas em publicações de divulgação científica: suas modificações e enfoques ao longo dos anos que vão de 1970 a 2005. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA AMBIENTAL E MIGRAÇÕES. 1. Florianópolis, 2010. *Anais ...* Florianópolis, SC. p. 130- 147.
- CIAPPELLI, E. 1899. Bollettino del Ministero degli Affari Esteri. Indice. Lo Stato di Rio Grande del Sud (Brasil). Roma, MAE, 1899. In: V. B. M. HERÉDIA; G. ROMANATO, 2016. *Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul, RS, Educs, tomo 1, p. 217-227.
- COSTA, R. et al. 1976. *Antropologia visual da imigração italiana*. Porto Alegre, EST, 222 p.
- CROSBY, A.W. 2011. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900*. Tradução de José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo, Companhia da Letras, 375 p.
- DIEGUES, Antonio Carlos Santana. *O mito moderno da natureza intocada*. 3ª ed. São Paulo, Hucitec, 2000. 169p.
- D1 – DIÁRIO DE CAMPO de 28/06/2017. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha Paredão, Sério/RS. *Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas*. Lajeado, Univates. 28 jun. 2019. 4 p.
- D2 - DIÁRIO DE CAMPO de 20/07/2017. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha Alegrete, Dois Lajeados/RS. *Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas*. Lajeado, Univates. 10 jul. 2017. 6 p.
- D3 - DIÁRIO DE CAMPO de 01/09/2017. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha São Francisco, Ilópolis/RS. *Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas*. Lajeado, Univates. 01 set. 2017. 4 p.
- D4 – DIÁRIO DE CAMPO de 13/07/2018. Visita a descendente imigrante de italiano. Linha São Francisco, Ilópolis/RS. *Projeto de Pesquisa Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas*. Lajeado, Univates. 13 jul. 2018. 5 p.
- DUARTE, R. H. 2005. *História & Natureza*. Belo Horizonte, Autêntica, 112 p.
- DUFEK, A. S. 2008. **Índices de extremos climáticos de temperatura e chuva na América do Sul: clima presente e validação do modelo RegCM3**. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado em Meteorologia, Universidade de São Paulo, 106 p.
- E1 - Entrevistado 1: relato [20 jan. 2014, 1h:31min, 18 p]. Linha Viena, Anta Gorda/RS. Entrevistadores: E. M. e A. P. C. Anta Gorda (RS): s.e., 2014. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida à Equipe do Projeto. *Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas*. Lajeado, RS, Univates.
- E2 - Entrevistado 1: relato [08 ago. 2017, 1h:02min, 20 p]. Linha Paredão, Sério/RS. Entrevistadores: J. T., J. S., N. S. e C. R. Paredão (RS): s.e., 2017. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida à Equipe do Projeto. *Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas*. Lajeado, RS, Univates.
- E3 - Entrevistado 2: relato [14 set. 2018, 1h:11min, 40 p]. Linha São Francisco, Ilópolis/RS. Entrevistadores: J. T. e M. S. Ilópolis (RS), s.e., 2018. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida à Equipe do Projeto. *Identidades Étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas*. Lajeado, RS, Univates.
- FERRI, G. 1975. *Encantado: sua história sua gente*. Encantado, Editora B.G., 424 p.
- FERRI, G; TOGNI, A. C. 2012. *A história da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas*. Lajeado, Ed. da Univates, 373 p.
- FLANNERY, T. 2007. *Os senhores do clima*. Rio de Janeiro, Record, 392 p.
- FRANZINA, E. 2006. *A Grande Emigração: o exodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas, Unicamp, 480 p.
- FROSI, V. M.; MIORANZA, C. 1975. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre, Movimento, 120 p.
- GIRON, L. S.; HERÉDIA, V. 2007. *História da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EST Edições.
- GOMES, V. F. 2008. *Os filós comunitários e a cultura italiana*. Lajeado, RS. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História, Universidade do Vale do Taquari - Univates, 122 p.
- GOMES, V. F.; LAROQUE, L. F. S. 2010. História e cultura dos italianos e seus descendentes: o costume dos filós em localidades do Vale do Taquari/RS. *Revista Destaques Acadêmicos*, Lajeado, 2(2): 99-143.
- GROSSELLI, R. M. 2005. Trentamila Tirolesi in Brasile: storia, cultura, cooperazione allo sviluppo. In: R. M. GROSSELLI, *Atti del convegno: Trentamila Tirolesi in Brasile – Storia, cultura, cooperazione allo sviluppo*. Trento, 2-3 febbraio 2001. Trento, Regione Trentino-Alto Adige/Südtirol, p. 29-58.
- KANDEL, R. 1995. *A evolução dos climas*. Lisboa Terramar, 136 p.
- MARMOCCHI, F. C. 1846. *Descrizione dell'Italia*. Poligrafia Italiana, 594 p.
- MARTINEZ, P. H. 2006. *História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino*. São Paulo, Cortez, 120 p.
- MARTINEZ, P. H. 2011. História ambiental: um olhar prospectivo. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, 24(1):23-35.
- MEDEIROS, A. A. B. 1902. Mensagem enviada à Assembleia de representantes do Rio Grande do Sul pelo presidente do Estado Antonio Augusto Borges de Medeiros, na 2ª sessão ordinária da 4ª legislatura em 20 de setembro de 1902. Porto Alegre, Oficinas Typographicas d'A Federação. Disponível em: [http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1902&item\\_id=4643#?h=1902&c=4&m=113&s=0&cv=1&r=0&xywh=-19%2C1651%2C2117%2C1493](http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1902&item_id=4643#?h=1902&c=4&m=113&s=0&cv=1&r=0&xywh=-19%2C1651%2C2117%2C1493). Acesso em: 22 jul. 2020.
- MEDEIROS, A. A. B. 1907. Mensagem enviada à Assembleia de representantes do Rio Grande do Sul pelo presidente do Estado Antonio Augusto Borges de Medeiros, na 3ª sessão ordinária da 5ª legislatura em 20 de setembro de 1907. Porto Alegre, Oficinas Typographicas d'A Federação. Disponível em: [http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1902&item\\_id=4648#?h=1902&c=4&m=118&s=0&cv=1&r=0&xywh=-102%2C1478%2C2111%2C1489](http://ddsnext.crl.edu/titles/182?terms=1902&item_id=4648#?h=1902&c=4&m=118&s=0&cv=1&r=0&xywh=-102%2C1478%2C2111%2C1489). Acesso em: 22 jul. 2020.
- MELO, P. P. 2011. A importância dos estudos climáticos para a história ambiental. *Caderno de História UFPE*, 8(8):1-21.
- MIRAGLIA, M. 2010. Las oscilaciones climáticas y la Historia Ambiental en la cuenca de las lagunas encadenadas en el Oeste de La Provincia de Buenos Aires (República Argentina), em los siglos XIX y XX. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA AMBIENTAL E MIGRAÇÕES. 1. Florianópolis, 2010. *Anais ...* Florianópolis, SC. p. 77- 96.
- NEVE ao norte do rio Taquari. Década de 1960. 1 fotografia p&cb. Acervo Museu Memórias Ilopolenses, Ilópolis, RS.
- PÁDUA, J. A. 2010. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos*

- Avançados*, [s.l.], 68(24):81-101.
- PETROCCHI, L. 1905 Bollettino dell'Emigrazione. Ministero degli Affari Esteri. Commissariato dell'Emigrazione, Le colonie italiane del distretto di Bento Gonçalves. Roma, 1905, n. 8. In: V. B. M. HERÉDIA; G. ROMANATO, 2016, *Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul, RS, Educ, tomo III, p. 514-529.
- RAMBO, B. 1994. *A fisionomia do Rio Grande do Sul*. 3ª ed. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 39 p.
- RIZZON, L. A.; MIELE, A.; MENEGUZZO, J. 2000. Avaliação da uva cv. Isabel para a elaboração de vinho tinto. *Ciência Tecnológica Alimentícia*, 20(1):115-121.
- SCHAMA, S. 1996. *Paisagem e memória*. São Paulo, Companhia das Letras, 645 p.
- SCHNEIDER, F. 2019. *Poder, transformação e permanência: a dinâmica de ocupação guarani na bacia do Taquari-antas, Rio Grande do Sul, Brasil*. Lajeado, RS. Tese de Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari - Univates, 385 p.
- SEYFERTH, G. 1986. Imigração, colonização e identidade étnica. *Revista de Antropologia*, 29:57-71.
- THOMÉ, L. N. F. 1967. *O município de Encantado através do tempo*. Encantado, 308 p.
- TRENTO, A. 1988. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, p. 77-98.
- TROMBINI, J. 2016. *Imigrantes italianos e seus descendentes na Microrregião Oeste do Vale do Taquari: história ambiental e elementos culturais*. Lajeado, RS, Dissertação de Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari, 229 p.
- TROMBINI, J.; LAROQUE, L.F. S.; CASTOLDI, A. P. 2017. As companhias colonizadoras no processo da imigração italiana em territorialidades do Vale do Taquari/Rio Grande do Sul. *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, 35:178-200.
- VELUTTIS, F. 1908. Emigrazione e colonie. Ministero degli Affari Esteri. Commissariato Dell'Emigrazione. Raccolta di Rapporti dei RR. Volume III: America. Parte I: Brasile. Roma, Cooperativa Tipografica Manuzio. In: V. B. M. HERÉDIA; G. ROMANATO, 2016, *Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul, RS, Educ, tomo IV, p. 697-775.
- WORSTER, D. 1991. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 4(8):198-215.

Submetido em: 31/12/2021

Aceito em: 02/04/2022